

## **‘Favela não é lugar de filantropia; é lugar de negócios’**

**Para Celso Athayde, *CEO do Favela Holding*, moradores não devem ser só consumidores, mas protagonistas dos negócios**

**Por Ricardo Lessa — Para o Valor, de São Paulo**

**Valor, 22/12/2023**

Não é comum que uma criança em situação de rua, filha de pais alcoolistas, se transforme, quando adulta, num empresário de sucesso. Ainda mais se cresce sem estudo, envolvida com drogas, na periferia violenta de uma grande cidade brasileira.

Mas essa é a história de Celso Athayde, 60 anos, CEO da Favela Holding, que reúne atualmente 23 empresas, com contratos de centenas de milhões de reais e negócios que vão desde agências de viagens e serviço de entregas a produção de filmes e programação digital.

Em breve, Athayde quer adicionar mais um empreendimento no portfólio da Favela Holding, o Favela Bank. Sua holding, criada em 2013, é o braço de negócios da Central Única das Favelas (Cufa), que Athayde fundou nos anos 90, ainda sem nome formal, e hoje se espalha por mais de 5 mil favelas de todo o Brasil e uma dezena no exterior.

“Eu sou um intermediário entre a favela e os empresários do asfalto”, define-se. “A Favela Holding faz parceria com as empresas para que os moradores não sejam só consumidores,

À frente de atividades tão diferentes quanto montar uma fábrica de jipes em Camarões, na África, erguer um hospital para os ianomâmis em Roraima e organizar a Taça Nacional das Favelas, é difícil arranjar uma brecha na agenda de Athayde.

Ele começou o ano na Suíça, onde palestrou no Fórum Econômico de Davos. Viajou três vezes a Paris, para fundar a Cufa-Paris e receber o prêmio da Fundação Europeia para o Desenvolvimento, pela iniciativa de criar a Escola de Negócios das Favelas, em parceria com a Fundação Dom Cabral.

Esteve também no Festival de Cannes, onde discursou ao lado do publicitário Sérgio Gordilho, da Agência África. Calcula que faz umas 120 viagens por ano, 6 ou 7 internacionais.

Para liderar pessoalmente a multiplicidade de frentes de negócio, conta com duas secretárias. “Sou muito desorganizado”, diz ele. “Durmo à meia-noite e acordo às quatro da manhã.”

Athayde coleciona prêmios, como Empreendedor de Impacto e Inovação do Fórum Econômico Mundial de 2022, além de inúmeras capas de revistas. Apresentou-se na Universidade Harvard, em 2022, e nas Nações Unidas, em 2015.

Decidimos nos encontrar num restaurante próximo a seu escritório no bairro do Brooklin, em São Paulo. O escolhido foi o Carmem La Loca, de comida espanhola, que oferece carne no menu. Único pedido de Athayde para este “À Mesa com o Valor”. A primeira sugestão dele foi, meio de brincadeira, o Angu do Gomes, popular no Rio de Janeiro. “Não tenho paladar sofisticado”, comenta.

Ele desembarcou pontualmente ao meio-dia de um carro de aplicativo, vestindo blazer e camisa polo, marca Tommy Hilfiger, com seu inseparável celular no ouvido. Uma empresa de telefonia estava interessada em montar postos em algumas favelas. Mais um negócio à vista e na escuta.

Durante quase quatro horas de entrevista, Athayde recebeu várias chamadas, mas o aparelho ficou no silencioso. Merecia umas breves olhadas. Ele fala rápido e, às vezes, engole umas palavras. Mal tocou na bisteca com fritas que pediu. Apreciou mais o pãozinho com manteiga da entrada. O presunto ibérico não o interessou muito.

Responde que sim, se considera hoje um homem rico. “Sabe quanto vale um contrato com a Amazon?”, pergunta, desafiador. A gigante de tecnologia é um dos clientes de uma de suas empresas, a Favela LLog. E ainda pode ampliar a parceria, segundo Athayde.

Seus três filhos dirigem carros de marcas top do mercado. Um deles estudou dois anos Estados Unidos e dois na Inglaterra e convive com vizinhos famosos da TV e dos negócios num condomínio em Angra dos Reis.

Seja como for, Athayde convive frequentemente com o racismo. “Quando chego e o porteiro me vê no volante de um carro bacana, olha confuso, confere a lista dos veículos permitidos e pergunta costumeiramente: o senhor vai levar o carro de Seu Athayde? Não me dou ao trabalho de desmentir.”

Segundo ele, alguns funcionários estão acostumados a ver os pretos sempre em funções subalternas e se surpreendem quando deparam com um dirigindo um bom carro, tendo uma boa casa ou um barco. “Se estou no portão, pessoas interessadas em alugar pedem para chamar o dono da casa.”

“O racismo”, argumenta, “está em todos os lugares do Brasil e mesmo entre os pobres. Se eu fosse à praia, com um amigo branco da mesma favela, usando a mesma sunga, a polícia ia me revistar primeiro, porque ele tem a cor da riqueza e eu, da miséria. É um estigma, e a gente não pode aceitar isso como normal.”

A mais recente vitória, que ele comemora, foi incluir o termo “favela” no lugar de “aglomerado subnormal” na nomenclatura do IBGE. Convenceu a ministra do Planejamento, Simone Tebet, de que os moradores não usam sinônimos ou eufemismos para falar da favela. Nem nas músicas se usa outro nome além de favela, observa.

Athayde defende seu pioneirismo em assumir a palavra no nome da associação que fundou, a Cufa.

“Foi a população do asfalto”, como ele se refere aos bairros urbanizados fora da favela, “que criou o termo ‘comunidade carente’. Isso já define os moradores como pedintes.” Favela não é carência, favela é potência, afirma, no slogan que não cansa de repetir.

Na ponta da língua, recita também os números da economia da favela: perto de 18 milhões de habitantes em 13.151 conjuntos mapeados por todo o país, que movimentam anualmente R\$ 202 milhões. São números deste ano do Data Favela, uma das empresas da Favela Holding, em parceria com o Instituto Locomotiva de pesquisas, de Renato Meirelles, seu parceiro no livro “Um país chamado favela”, de 2014.

Com o cantor de rap MV Bill, cofundador da Cufa, lançou em 2006 “Falcão, os meninos do tráfico”, que virou documentário exibido pelo “Fantástico”, foi premiado na Espanha e lhe rendeu um processo por incitação ao crime.

Embora ainda tenha dificuldade de ler - o empresário diz que não consegue acompanhar as legendas dos filmes no cinema -, é coautor de outros cinco livros. Um deles, “Cabeça de porco”, publicou em parceria com o ex-secretário Nacional de Segurança Pública Luiz Eduardo Soares. “São vários best-sellers”, orgulha-se.

Timidez e sonhar pequeno não fazem parte do perfil do CEO da Favela Holding. Planeja montar uma central internacional da Cufa em Zurique, na Suíça. “É lá que estão os bancos”, justifica.

Embora a dificuldade de leitura em português não venha atrapalhando seus negócios, a falta do inglês, sim. Ele promete fazer neste ano a quinta tentativa de aprendizado: “Logo no verbo ‘to be’, o cara vem com negócio de participio passado, pretérito, sei lá o que é isso!”.

Athayde não gostou da experiência de precisar de um intérprete na conversa que teve neste ano com um homem da África do Sul. “Absurdo, né? Precisar de um branco para um preto falar com outro preto.” Ele também quer montar uma Cufa na África do Sul. “Pode ter outro nome, mas favela é igual em todos os lugares no mundo, espaços de ausência do Estado, de miséria e de violência.”

O empresário conta que aprendeu a sonhar com o mundo fora das ruas ainda com 11 ou 12 anos. Um certo Seu Zeca contava aos garotos como era a Disneylândia, andar de avião,

apertar os cintos, coisas que ele fez antes de perder a família e o dinheiro, virar alcoólatra e ir morar na rua. “Aqueles conversas me fizeram ver que havia um mundo além da rua, além das paredes daqueles prédios de Madureira”, lembra Athayde. “Caiu um véu para que eu enxergasse uma outra possibilidade.”

Sua mãe, Marina, é outra grande referência para ele. “Ela vendia produtos da Avon e peixe na feira. Queria que eu e meu irmão fôssemos produtivos.” Uma frase da mãe, falecida em 2011, nunca lhe sai da cabeça: “Meu filho, quando as coisas estiverem difíceis, siga em frente. Não pare”.

Aos 14 anos o irmão de Athayde, Paulo César, um ano mais velho, morreu assassinado. “Foi um baque forte, mas também uma oportunidade de ficar mais perto da minha mãe”, rememora. “Antes ela era alegre e feliz, dentro da pobreza. Mas depois da morte do filho ela parecia morrer todo dia, e aquela alegria desapareceu. Passei a conviver com a maior dor do mundo.”

Sem a proteção do irmão, Athayde conta que teve que lutar sozinho. Não só no sentido figurado. Ainda garoto foi brigar em “rinhas no fundo da favela”, com apostas administradas pelos adultos. Mas diz que cansou de apanhar e passou a servir cafezinho: “Era menos dinheiro, mas também menos dolorido”.

O morador da favela, lembra ele, não conhece a palavra empreender: “faz um corre”, “dá uns pulos”, “se vira”. Porque na escassez, segundo ele, empreender é incondicional. “Por vocação ou necessidade, o pobre precisa empreender. Eu vendia limão, empurrava carrinho de feira e roubava, quando precisava, mas minha mãe não gostava.”

Nascido numa favela da Baixada Fluminense, precisou se mudar para baixo do Viaduto Negrão de Lima, em Madureira, depois que os pais se separaram. Em seguida a uma enchente, foi com a família para um abrigo público, o Pavilhão de São Cristóvão. Mais tarde foram transferidos para a favela do Sapó, em Senador Camará, zona oeste do Rio de Janeiro.

Lá conheceu o traficante Rogério Lemgruber (1956-1992), apelido Bagulhão, para quem trabalhou. “Ele se intitulava comunista e revolucionário”, conta Athayde. “Obrigava os garotos a lerem Marx, Lênin e Che Guevara.”

Um dos fundadores do Comando Vermelho, Lemgruber, segundo Athayde, conviveu com universitários que integravam grupos de guerrilha urbana, nos anos 1970, e estavam presos na mesma cadeia da Ilha Grande. Com eles, teria se iniciado em leituras de esquerda e métodos de organização.

“Para mim caiu ‘Guerra e paz’, do Tolstói, que eu teria que ler em seis meses, senão era ameaçado de levar tiro na mão”, conta. “Nunca consegui. Ficava lendo revistinha em

quadrinhos para ver se aprendia. Bagulhão nunca cumpriu a ameaça, mas, por via das dúvidas, resolvi voltar para Madureira.”

Armou sua banca de camelô na frente do mesmo viaduto onde morou com a mãe e o irmão por seis anos. “Ainda sinto o cheiro de lá quando vejo os moradores de rua”, recorda.

“Eu era sócio da Nike e da Adidas, só que eles [as empresas] não sabiam”, brinca. Logo aprendeu o significado da palavra contrafação, cópia ilegal de produtos. “A PM chegava com o representante das empresas, que parecia o comandante da operação, e recolhia tudo.”

Foi parar uma vez na cadeia. Mas a passagem foi rápida e não o desanimou. Quando era criança e praticava atos ilegais, relembra, não era preso: “Em vez de ir presa, criança apanha. Às vezes muito. Quem tem couro mais duro sobrevive”.

De camelô virou organizador dos bailes de charme e funk, inspirados na música negra americana, especialmente o soul de James Brown. Até hoje ele arrisca uns passinhos quando é desafiado.

“Nos anos 70, no governo militar”, recorda, “os pretos não tinham onde se manifestar, só depois dos anos 80 os bailes começaram a resgatar a autoestima e a expressão”. Mas a música era só o lado visível do movimento que estava acontecendo.

Debaixo do mesmo viaduto onde morou e hoje funciona a sede da Cufa, Athayde começou a vida de empresário e aglutinador. “Os pretos começavam a se organizar e reivindicar mais reconhecimento”, conta.

Dos bailes, passou a representar artistas como MV Bill, Racionais MC’s e Negra Gizza, entre outros. Com eles correu o Brasil e percebeu que a realidade dos pretos e pobres do restante do país não era muito diferente da conhecida no Rio. Começou então a espalhar a Cufa.

“Quando eu chegava num determinado local, dava para saber com quem eu podia contar, quem assumia compromisso, quem se preocupava com os outros moradores. Eu não tinha a menor noção do que significava ‘recursos humanos’, ‘match’, ‘business plan’. Até hoje não sei explicar direito o que estou fazendo”, afirma.

Athayde diz que há três coisas proibidas na Cufa, e enumera: se ligar ao crime, à corrupção e à política. “Quem entra na política, sai da Cufa e nunca mais volta.” Não que Athayde despreze a política. Apoiou a fundação do partido Frente Favela Brasil, em 2018, mas prefere não misturar as coisas.

Ele mesmo conduz as escolhas dos líderes locais para a Cufa. Na Taça das Favelas - campeonato de futebol que começou no Rio em 2012, foi para São Paulo em 2019 e agora se espalhou para todo o Brasil, com transmissão da Rede Globo e diversos patrocinadores -

“pela seleção das favelas inscritas” Athayde identifica quem são as pessoas comprometidas, ativas e confiáveis. E um potencial parceiro de negócios da Favela Holding e da Cufa.

Com o torneio de futebol, afirma o empresário, é possível fazer várias ações sociais e educativas, como prevenção ao alcoolismo, incentivo à leitura e estímulo ao empreendedorismo. “Estamos num país capitalista; quero fazer uma revolução social dentro das regras do capitalismo”, diz. “Favela não é lugar de filantropia; é lugar de negócios.”

No caso da Favela Llog, segundo Athayde, os entregadores conhecem bem o local, porque são moradores ou pertencem às famílias dos moradores. Eles são alistados no Projeto Recomeço, voltado para reabilitação dos jovens que saíram do cárcere. “O índice de perdas das empresas é baixíssimo”, afirma. A primeira parceria foi com a multinacional Procter & Gamble, fabricante de xampus, sabonetes e produtos de limpeza. Em seguida foi a Natura. A ideia agora é chegar às 200 maiores favelas do país.

A Favela Holding fica sempre com um percentual dos negócios, que varia de caso a caso. Athayde diz como funciona a parceria com as agências de viagem, no programa Favela Vai Voando. “O dono da agência da Rocinha, por exemplo, era um ex-segurança de banco. Ele vendeu R\$ 220 mil em passagens num determinado mês. Passou a ganhar R\$ 22 mil. A Favela Holding fica com 6% e repassa 2% para manutenção da Cufa local.”

A Expofavela, que começou em São Paulo, em 2019, se espalhou por todo o Brasil. O objetivo é apresentar projetos de empreendedores das favelas a empresários já estabelecidos. É vinculada à Infavela, empresa de eventos, subordinada à Favela Holding.

A previsão é que movimente R\$ 180 milhões, com uma média de público de 12 mil pessoas. Em São Paulo e no Rio o público é bem maior que isso, ressalta. Athayde avalia que devem sair negócios entre startups e investidores em torno de R\$ 10 milhões.

Sobre a interferência do tráfico e das milícias nos negócios das favelas, o empresário diz que os traficantes geralmente não causam problemas nem cobram pedágios, desde que não se interfira nos negócios deles. Já os milicianos podem cobrar taxas de proteção. “Aí cada dono de agência local faz seu plano de negócios, considerando os riscos.”

O sucesso do CEO da Favela Holding, que é bastante ativo nas redes sociais, onde registra seus passos internacionais e também momentos de lazer, nem sempre é bem-visto entre integrantes de outras associações do movimento negro.

“Não quero criticar nenhum desses grupos”, diz. “Eles assumem o papel da denúncia, das reivindicações, e estão certos em fazer isso. A diferença é que eu parti para a agenda positiva, de realizar projetos que beneficiam os moradores. Para isso procuro políticos e empresários de qualquer partido ou posição política, o que nem sempre é aceito em alguns meios mais à esquerda.”

Embora ocupe o cargo de executivo da empresa, Athayde continua como conselheiro e voluntário da Cufa. Atua com frequência na assistência de vítimas de desastres, como as que aconteceram no litoral de São Paulo, no início do ano; em Minas Gerais, no ano passado; e na crise dos ianomâmis.

Durante a pandemia de covid-19, a campanha Mães da Favela, liderada pela Cufa, ficou em terceiro lugar entre as campanhas que mais arrecadaram no Brasil, com R\$ 296 milhões. Perde para o governo de São Paulo, R\$ 1,8 bilhão, e a Fiocruz, R\$ 497 milhões, conforme dados do Monitor das doações da Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR).

“O Celso é uma usina”, definiu certa vez MV Bill, o parceiro de Cufa, livros e música. Mas a usina vai desaquecer os motores, prevê Athayde. “Se não, quando é que vou aproveitar o que fiz?”, questiona. Neste ano planejava realizar alguns velhos sonhos: levar a família inteira à Disneylândia e comprar no Natal um monte de bolas coloridas, iguais às que via quando era criança e achava que nunca ia poder comprar.